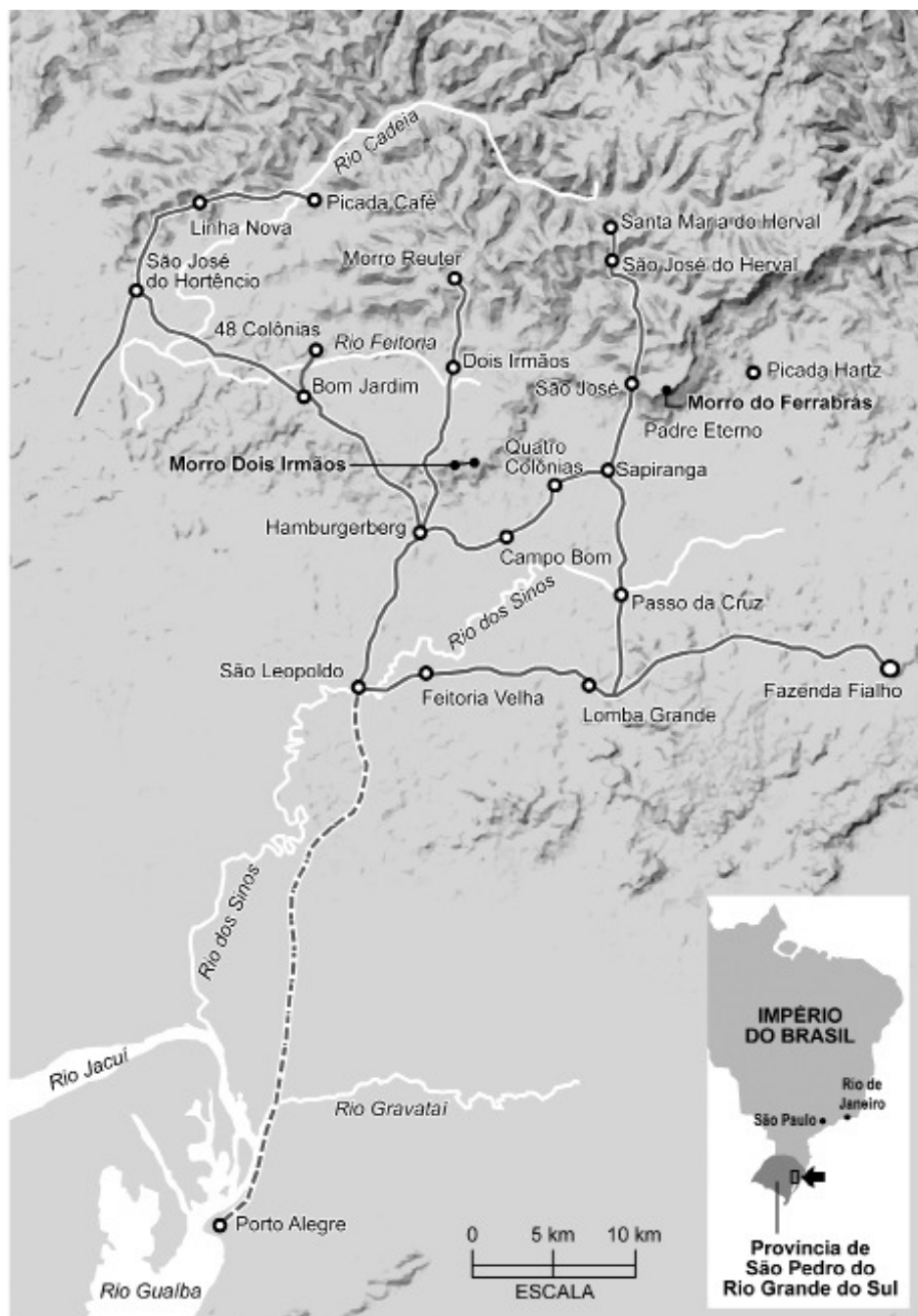


*L'histoire est un roman qui a été; le roman
est de l'histoire qui aurait pu être.*
Frères Goncourt, Journal.



1872, talvez junho.

Rothenburg-ob-der-Tauber, na região do Franken, é uma cidade tão pequena, tão medieval, tão cercada por uma grossa muralha, que seus habitantes parecem viver dentro dos limites de uma ilustração gótica.

Algo, porém, deve ser dito: vista da proeminência ao lado – se os olhos conseguem vencer a parede formada pelos troncos das bétulas e castanheiras – Rothenburg apresenta-se ericada de torres agudas e hirtos campanários, transformando-se em sua verdadeira imagem, bem mais prosaica: um agulheiro.

Os homens ainda tiram os chapéus às mulheres, saudando-as com o folclórico *Grüss Gott*, mesmo quando tentam equilibrar-se nos patins sobre o leito congelado do rio, durante os esportes de inverno. O grande feito da cidade tem um conteúdo raro: ocorreu em 1631, durante a Guerra dos Trinta Anos, quando o Marechal Tilly impunha um cerco pertinaz à Praça. Depois de muitas conversações, o comandante acedeu em retirar-se se houvesse alguém disposto a beber de uma só vez um formidável caneco

de três litros e meio repleto do vinho da região. Nusch, antigo burgomestre, ofereceu-se e salvou a cidade. Bebeu tudo em dez minutos, dormiu três dias seguidos e viveu mais 37 anos, durante os quais não provou mais nenhuma bebida.

O que verdadeiramente distingue Rothenburg ainda não é o porre histórico, que afinal lança uma suspeita sobre todos os seus moradores, mas o fato de ser o ponto de convergência dos poetas do Romantismo, que acorriam fascinados pelas evocações da Idade Média. Escalavam a torre da Prefeitura e lá de cima compunham versos trágicos à cidade enevoada.

Hans Willibald Genz vive na Herrngasse, a via mais nobre, onde se perfilam as casas dotadas de melhor conforto. Sua família fora importante e rica; hoje Hans Willibald contenta-se em desfrutar a casa herdada e cultivar cactos tropicais que mal resistem ao longo e escuro frio de janeiro, precisando de estufas e caloríficos. Estudou Direito em Heidelberg e tornou-se celibatário, dedicando sua emoção aos cactos e a um sobrinho, Christian Fischer, órfão de pai e mãe.

Aos dezessete anos Christian era irrequieto e colecionava borboletas, chegando certa vez a perseguir um lepidóptero azul por toda a Galgengasse, esbarrando numa carroça repleta de beterrabas, o que lhe custou uma perna quebrada e reprimendas por parte do pai. Florian Fischer não tinha contudo suficiente inocência para repreender o filho: antigo tenente de Cavalaria do exército bávaro, prestava-se a contínuas rixas com os camaradas, a ponto de morrer em um duelo travado à luz majestosa do entardecer, sobre a Antiga Ponte de Würzburg. O jovem não saiu incólume do mal das beterrabas, e apresenta hoje um leve defeito da perna que, somado à dispensável bengala, lhe confere um ar de condoída nobreza. O tempo no hospital não foi infrutífero: leu todo Heine e todo Schiller, além dos poetas menores, dados pela mãe, a triste Caroline Genz. Assim, Christian sarou da perna e adoeceu do espírito. Ao voltar para casa, escrevia com elegância suficiente para traçar um bilhete fantástico a uma amiga, em paga pelas flores recebidas durante o internamento. O tal bilhete escandalizou os pais da menina. Vieram pedir explicações a Caroline, que só soube chorar, amparando-se no ombro do irmão.

Hans Willibald consolava Caroline e ria satisfeito por dentro: enfim um membro da família saíria da mediocridade a que estavam condenados desde um par de séculos. Quando Caroline morreu de varíola, logo após uma grande enchente do Tauber, Christian desesperou-se a ponto de desejar o fim da própria vida, escrevendo um testamento de doze páginas, atualmente relíquia de Hans Willibald. Mas Christian tinha forças morais insuspeitas. Curou-se da perda e em dois meses voltava, coxeando, a recolher borboletas. Hans Willibald chamou-o um dia e comunicou-lhe:

– De hoje em diante você é meu tutelado e meu herdeiro. Como um verdadeiro filho.

Esta notícia não alterou muito os hábitos moveções do rapaz. Namorou duas moças e prometeu casamento. Na hora de assinar o compromisso de noivado, adoecia. Até que pôs um fim a estas hesitações e decidiu-se por estudar Medicina em Bamberg. A despedida foi solene e por escrito: uma carta repleta de citações de Tácito e Ovídio, com um P. S. de Goethe. Ia cumprir o seu fadário, “em busca do futuro glorioso na arte de Esculápio”, prometendo voltar para Rothenburg e instalar-se com uma clínica destinada a socorrer gratuitamente a todos os pobres do Franken. Hans Willibald sorriu com tais propósitos e mandou dinheiro para as primeiras despesas. Nas férias, Christian voltava saudosos e cada vez mais ilustrado. Além de conhecer todos os ossos do corpo e discorrer sobre a circulação arterial, trazia um caixote de obras escolhidas, onde predominavam os romances e os diários.

– Abandonei os poemas – dizia, com um tom de *mea culpa*.

Julho e agosto assumiam para o tio características de verdadeira festa. Abanando-se com leques chineses, conversavam longamente junto à janela aberta, por vezes olhando a paisagem florida do vale. Hans Willibald inteirava-se daquilo que as imensas cartas antecipavam: o sobrinho abandonara a poesia, mas não o espírito romântico. O caridoso futuro em Rothenburg transformara-se em algo mais feérico, talvez fosse para a Índia curar leprosos. É possível que dissesse estas coisas apenas para ter assunto, mas a determinação nos olhos era algo de inquietante. O tio estimulava-o a falar mais e Christian referia apenas uma vaga ideia, misturava às informações geográficas os textos dos

exploradores mais famosos, revelando desconhecer totalmente os riscos de embrenhar-se nas selvas povoadas de tigres e elefantes. Mas Hans Willibald não entrava em pânico.

– Vai criar juízo – refletia com a governanta.

Talvez não devesse ser tão otimista, pois Christian procurou-o em meio a seus cactos, portando um globo terrestre. O dedo moveu-se da Índia, cruzou o Mar Índico, passou por cima da África, escorregou pelo Oceano Atlântico, parou no sul da América do Sul.

– Brasil – disse Christian. – É outro lugar para onde posso ir. Há duas vantagens: é um lugar selvagem e tem alemães.

Hans Willibald olhou para o lugar indicado. Pior que a Índia. Não era lá que havia antropófagos? Christian não sabia, ia informar-se melhor consultando o guia Baedeker. “Ora”, pensou o tio. “O Brasil no Baedeker!”

Durante todo o inverno seguinte, etapa final da graduação, as cartas eram menores e apressadas. Hans Willibald comparava-as umas às outras e chegou a conceber uma carta-padrão, que mandou ao sobrinho, dizendo que ele apenas copiasse a tal carta todas as vezes. O teor era:

“Meu caro tio e tutor.

Quero que desculpe ser tão econômico em palavras, mas creio que é fácil entender: estou em meio a exames terríveis de Fisiologia e Patologia Clínica. Não me sobra tempo nem para respirar. Continuo achando que não devo ficar no Bayern nem na Prússia de Bismark nem em nenhum país civilizado. Aqui já não há mais nada para fazer; os médicos são uns arrogantes e os Wittelsbach uns loucos e degenerados. Muito obrigado pela pontualidade do dinheiro. Tem sido muito útil. Agora preciso fazer uma casaca nova. Imagine, ando quase em andrajos.

Seu dedicado sobrinho,
Christian.”

Sim, quantas cartas viessem Hans Willibald mandava o dinheiro para casacas; calculando bem o número de remessas, Christian deveria possuir o mais gigantesco armário de Bamberg.

Mas o efeito da carta-padrão foi instantâneo: de volta, o sobrinho mandava notícias variadas, falava do tempo e dos professores, dizia de sua grande expectativa pelo final do curso e falava em uma nova bengala, toda ébano e prata – presente de um fabricante de tijolos, em agradecimento pela cura da esposa, vítima de melancolia.

– Melancolia? – perguntou Hans Willibald a um *Zygocactus*.
– Mas meu sobrinho é médico, e não um Pastor. – Melancolia? – interrogou do Pastor Gottfried Runneman, à saída de um culto na igreja de São Jacó:

– O que é melancolia?

O Pastor não tinha o menor conhecimento, e apenas fez uma simplória referência a uma gravura de Albrecht Dürer, que tinha esse título, e onde aparece um anjo com ar distraído e profundamente melancólico. Uma gravura célebre, estava nos livros.

– Melancolia? – repetiu a governanta, enquanto servia a Hans Willibald uma terrina de mingau. Nunca ouvira falar. Uma doença, quem sabe?

Quando Christian chegou, retirando de um canudo de lata o diploma redigido em latim e chancelado por um selo vistoso, o tio olhou bem para o jovem médico, e não o fez sem algum espanto, pois, além da barba, apresentava a novidade de um par de óculos com aros de ouro. E não parecia o Christian do último outono: voltava com olhos doces, a fala pausada. Teve um gesto de carinho com a governanta – beijou-a na testa e perguntou como iam seus parentes. A mulher mal respondeu, dobrou rapidamente os joelhos e retirou-se para a cozinha, assustada. Depois Christian foi para o quarto e saiu de lá em robe de chambre, chinelas e com uma pilha de livros que depositou na estante da sala. Num repassar de olhos Hans Willibald notou que, além dos diários e romances, havia outras obras, como Eschenburg, *História de Nossos Alienistas*, Esquirol – todo em francês – e Berghauser, *A Representação dos Alienados no Drama Inglês no Final do Século XVIII*, e, sumidos entre estes, alguns livros de Anatomia e Patologia.

Nessa noite, Hans Willibald decidiu esclarecer tudo:

– Afinal, você se dedica a qual especialidade?

– Doenças nervosas – Christian explicava. – Ou, se quiser, psiquiatria.

Decerto, uma enorme mudança. O tio não se julgou tão grande pecador para que isso lhe acontecesse: o sobrinho jogar pela janela todo o curso de medicina; dormiu com a sensação de que não fora bom tutor, pois deixara tudo ao acaso. Deveria ter vigiado melhor a Christian, deveria ter abandonado um pouco o conforto e mudar-se temporariamente para Bamberg, atento a qualquer desvio. E agora, o que diria aos vizinhos, aos amigos da Herrngasse? De manhã, enquanto a governanta frigia os ovos, Christian apareceu na sala, já vestido de sair, a bengala de ébano na mão.

– Linda, essa bengala – Hans Willibald comentou. – Ganhou do marido da melancólica, então?

– Sim. Ela sofria do mesmo mal do nosso pobre rei.

– Mas você antes não simpatizava com a dinastia.

Christian pôs a bengala sobre a mesa, sentou-se, cruzou as pernas.

– Passei a entender Ludwig II depois que percebi que é, mais do que qualquer outro, uma vítima de si mesmo, de seu cérebro doente. O que não significa que eu deseje ficar no seu reino.

Realmente, isso é o que faltava para o desastre ser completo. Hans Willibald deu-o imediatamente por perdido. Comeu três ovos com salsicha, bebeu uma caneca de cerveja e disse, acendendo o cachimbo de porcelana:

– Você sabe o que faz. Criei-o para ser um homem. Se não se importasse, gostaria de saber se ainda pretende ir para a Índia.

– Índia não. Brasil. Sul do Brasil.

Christian dizia tudo com tão intensa simplicidade, entremeando bocados de pão e goles de café, que o tio possuiu-se de certa ternura, até um remorso. Desde quando lhe era lícito traçar o destino do sobrinho? Só porque lhe dava dinheiro e educação? E depois, Christian era homem feito e, bem ou mal, um médico. Essa ideia o fez lembrar-se de um argumento:

– Você não acha que os alemães do sul do Brasil precisam mais de médicos clínicos, de cirurgiões?

– Talvez. Mas, uma vez sarados dos males físicos, não se podem considerar a salvo dos males da mente. Além disso, sei

também amputar uma perna gangrenada e aplicar uma sangria. Isso nunca se esquece.

Passaram à estufa. Hans Willibald calçou detidamente as luvas de couro, pôs na testa a pala de lona amarrada por um elástico atrás da cabeça.

– Você não ia sair, Christian?

– Mais tarde.

Recomeçaram uma longa conversa, igual àquela dos verões, cheia de comentários sobre o tempo, sobre os arrendamentos de terras, sobre o dízimo da paróquia. Christian falou a respeito dos colegas e do curso, que considerou excepcional, os melhores professores da atualidade. Havia um Dr. Strobl que o fascinava pela agudeza dos diagnósticos: bastava olhar o paciente e um rápido apalpar e já estava pronto para a terapêutica. E um Dr. von Severin que se dedicava às doenças mentais e lecionava também em Viena. Von Severin estudara em Paris e tinha ideias revolucionárias sobre o tratamento da histeria, em geral uma doença pouco conhecida e na maior parte das vezes servindo de desculpa para a ignorância do verdadeiro mal: os homens, por não conhecerem as mulheres, imaginam filtros, convulsões vaporosas e um total mistério, tudo isto provindo do útero, que não é senão o órgão feminino da reprodução humana. Outra classe de doentes injustiçados é a dos hipocondríacos. Enfim, são tantos os incompreendidos que era preciso que a medicina olhasse uma vez para a pessoa que sofre a doença e não apenas para a doença, como vem fazendo desde Aristóteles.

Nesse entretempo, Hans Willibald cobria a terra de um vaso com pequenas lascas de pedra, preparando-o para receber uma nova espécie, recém-chegada da ilha de Guadalupe. Aproveitou um instante em que a sofreguidão do sobrinho permitiu e disse do seu temor de que a planta não vingasse: só mesmo um homem cabeçudo, cultivar este tipo de vegetal logo aqui, com o inverno gelado. Sem querer, propiciara uma deixa para Christian, que a agarrou no ar:

– Talvez os Genz sejam todos teimosos. – Travou a mão do tio: – E o Brasil tem outra vantagem: posso mandar-lhe de lá as espécies mais belas de cactos do mundo.